

APLAUSO

ANO III Nº 32

teatro

EXEMPLAR GRATUITO

Jantar entre amigos

Ou quando o casamento acaba...

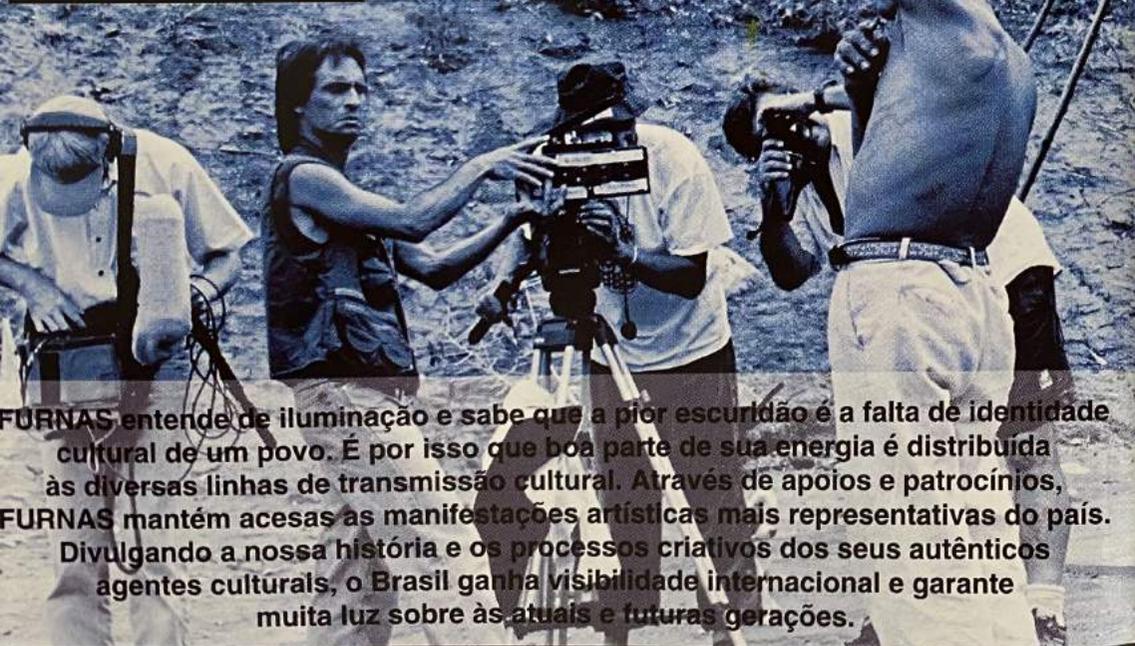


Xuxa Lopes e Renata Sorrah

Jornal do Teatro • Em Cartaz • Anselmo Vasconcelos • Cacá Mourthé • Chico Caruso •
Intrépida Trupe • Maria Carmem Barbosa • Paulo Betti • Tim Rescala



Sem Cultura o País Desperdiça Energia



FURNAS entende de iluminação e sabe que a pior escuridão é a falta de identidade cultural de um povo. É por isso que boa parte de sua energia é distribuída às diversas linhas de transmissão cultural. Através de apoios e patrocínios, FURNAS mantém acesas as manifestações artísticas mais representativas do país. Divulgando a nossa história e os processos criativos dos seus autênticos agentes culturais, o Brasil ganha visibilidade internacional e garante muita luz sobre às atuais e futuras gerações.

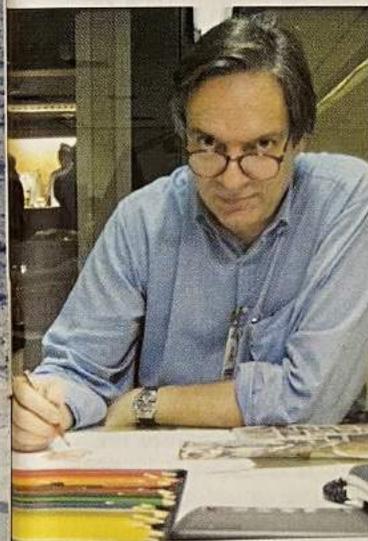
bastidores

Pobre Picasso...

Minha primeira experiência em teatro foi por volta de 1966, no colégio. Encenamos uma peça com três ou quatro histórias sobre a Independência. Um dos meus colegas, o Artur Matuck, fez uma apresentação totalmente surrealista, sobre gigantes comedores de homens e uma montanha de gente jogada fora. O meu monólogo terminava com o grito: "Independência ou merda!". E deu no que deu. Ou seja, em vez de independência, deu merda.

Em 1987 fiz uma peça sobre o Amigo da Onça. O Paulo Betti estava conversando com o Millôr Fernandes sobre a possibilidade de ele escrever o texto. Como Millôr não pôde aceitar o convite, eu me ofereci, antes que ele entregasse o texto a alguém que não tivesse ligação com desenho. Entrevistei todo mundo que havia trabalhado na revista *O Cruzeiro*, onde Péricles publicava seus desenhos, e a peça estreou com Betti, Cristina Pereira, Andréa Beltrão, Antonio Grassi e Rafael Ponzi. Fui atrás do que aconteceu com o Péricles, que se matou, e terminei com uma briga dele com o Amigo da Onça: ele se mata e seu personagem morre. Quando chega ao Céu, para surpresa de Péricles, quem é Deus? O Amigo da Onça.

Outra idéia que tive, para comemorar os 120 anos de Picasso, era a peça *O Dia em que Picasso Broxou*. Foi quando conheceu o Zivaldo. Picasso está numa galeria, o Zivaldo entra e diz ao gênio que quando viu Guernica chorou. E, inspirado nela, até fez um painel para o Canecão, uma cervejaria no Rio. Como o Salão de Humor de Piracicaba reproduziu o painel do Zivaldo, imenso, minha idéia era usá-lo no fundo do palco com a Guernica na frente, minúscula diante da imponência da cópia. Picasso entraria, veria aquele despropósito, e exclamaria para Zivaldo: "Filho da Puta!"



Chico Caruso, novembro de 2001

Do palco para a tela

Há três anos em cartaz, a peça *Acredite, um Espírito Baixou em Mim* vai virar filme, dirigido por Sandra Pêra e Jorge Moreno. As filmagens começam neste novembro em Belo Horizonte, e o elenco vai contar com Marília Pêra, Sueli Franco e Benvindo Siqueira.

Teatro de arena

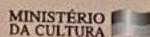
As Fenícias, tendo Giulia Gam como atriz convidada, vão para o pátio do Museu da República, que acaba de se transformar em teatro ao ar livre abrigando palco e 150 cadeiras dispostas como em uma arena grega. A proposta é do diretor gaúcho Caco Coelho, que aposta em um espetáculo com nuances circenses para contar a saga de Édipo e Jocasta. A estréia é no dia 23 de novembro.

Na contramão

Cacá Carvalho e Edson Celulari invertem a mão e só chegam ao Rio com o espetáculo *Fim do Jogo* depois do Carnaval. Preferiram iniciar a turnê pelo Norte e Nordeste. A peça, de Samuel Beckett, ganhou tradução de Millôr Fernandes, que a define como uma tragi-comédia ou come-tragédia. Você decide.

Musical de bolso

Charles Möeller é o autor do texto, direção e cenário. Cláudio Botelho faz a direção musical e versões de *Um Dia de Sol em Shangrilá*. Convidados para dirigir e programar os espetáculos do Teatro Café Pequeno, a única exigência feita à dupla é que continuasse a fazer musicais. Vindos de grandes produções como *Company* e *Les Misérables*, fazem agora o caminho inverso: produção para um teatro pequeno.



Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Adriana Pittigliani/divulgação.

Maria Carmem Barbosa

Um passeio entre corações

“Estar fazendo teatro é estar fazendo a vida. Dar a cada momento a consideração que ele merece. A reflexão sobre cada ato, de comédia ou drama, pode nos fazer repensar sobre uma vida inteira. Nas minhas primeiras lembranças sempre me vem a voz de minha mãe comentando a meu respeito, com um certo tom de desagrado, mas uma suspeita de orgulho: “*essa menina faz teatro o dia inteiro.*” Era verdade. Gostar de quem interpretava era a minha primeira escolha para uma admiração. A palavra no tempo certo. A observação inesperada, alguma coisa dita que eu nunca tinha pensado antes me fazia parar e repensar emoções e comportamentos. Comecei a amar palavras, o sentido que elas faziam e as histórias que elas contavam. Quis ouvi-las ditas, vestidas, andando de um lado para o



Maria Carmem: “essa menina faz teatro o dia inteiro!”

outro, levando para onde fossem toda a emoção que sentimos quando escrevemos. Assim é o Teatro na minha vida. A palavra que passeia entre o meu coração e o coração do outro. Pode ser um passeio alegre, engraçado, cantado e dançado. Mas também pode ser gritado, chorado, despedaçado e triste. E aquelas palavras de minha mãe sempre voltam a minha cabeça me enchendo de juventude e coragem para preencher mais uma folha em branco: *essa menina faz teatro o dia inteiro!*”

Flap!



A Intrépida Trupe chega aos 15 anos contando a história do homem que quer voar...

Por Maria Lucia Rangel

Caetano Veloso já disse: “Plethora da alegria é um show do Jorge Benjor ou as pernas da acrobata mulata, uma homenagem ao grupo Intrépida Trupe, que tem ali coisas afirmativas, coisas de um Brasil mais luminoso.” Aderbal Freire Filho e Tim Rescala vão mais longe. O primeiro diz que “a Intrépida Trupe não é só intrépida, mas eclética, insólita, enérgica, múltipla, incômoda, incólume e maravilhosa.” Já Tim é de opinião de que o grupo deveria se transformar num verbete do Aurélio, “como um sinônimo de circo no Brasil.” Pois bem, eles estão voltando, na superprodução *Flap!*, que comemora no Teatro João Caetano os 15 anos do grupo.

O principal grupo de circo-teatro-dança do país quer comemorar à altura e convidou para a direção Paulo de Moraes, diretor da Armazém Companhia de Teatro, “justamente pelo desejo de explorar profundamente as possibilidades criadas pela interação entre o circo, teatro e a dança”, explica Cláudio Baltar, diretor da Trupe.

A idéia de *Flap!* é reinventar as técnicas do circo para falar sobre o eterno desejo de romper os limites e voar, partindo do universo de Dédalo e Ícaro (mitologia grega),

do falcão e o pombo (mitologia hindu), do homem com asas (mitologia celta) e de fragmentos de outros mitos da literatura popular. “Estamos construindo a história de Ícaro, um herói caído que teima em se levantar a cada novo tombo e aprender a voar”, explica Paulo de Moraes.

É o circo nunca mais foi o mesmo...

A Intrépida Trupe nasceu da união de ex-alunos da Escola Nacional de Circo e artistas vindos de diversos grupos de dança e teatro, em 86, no México, durante a missão cultural do Circo Voador na Copa do Mundo. A combinação inusitada acabou responsável pelo estilo que revolucionou a linguagem circense no Brasil. O grupo já se apresentou na Alemanha, França, Colômbia, Portugal e Espanha. Além de produzir seus próprios espetáculos, é um dos destaques do Carnaval carioca, criando coreografias para a Comissão de Frente da Mocidade Independente.

Jantar entre

Renata Sorrah e Xuxa Lopes em dois casamentos desfeitos e suas conseqüências.

Por Maria Lucia Rangel

Os ensaios da peça *Jantar Entre Amigos*, do americano Donald Margulies, aconteceram como se o elenco e diretor estivessem fazendo um rendilhado. Esta é a imagem lembrada por Renata Sorrah para explicar o primeiro trabalho dos atores com a direção. É preciso sintonizar emoções e sensibilidade. Renata e Xuxa Lopes, produtoras, mais Otávio Müller e Mário Schoemberger estão sendo dirigidos pelo diretor Felipe Hirsch, na peça que reúne dois casais reavaliando suas vidas no Teatro dos Quatro.

Desde que assistiu *A Vida é Cheia de Som e Fúria*, Xuxa Lopes desejava ser dirigida por Felipe. Conversou com Renata Sorrah, com quem tinha feito *Mary Stuart*, em 1995, e logo marcaram um almoço com o diretor. Três dias depois, ele enviava o texto de Margulies, premiado com o Pulitzer no ano passado.

Sutilezas

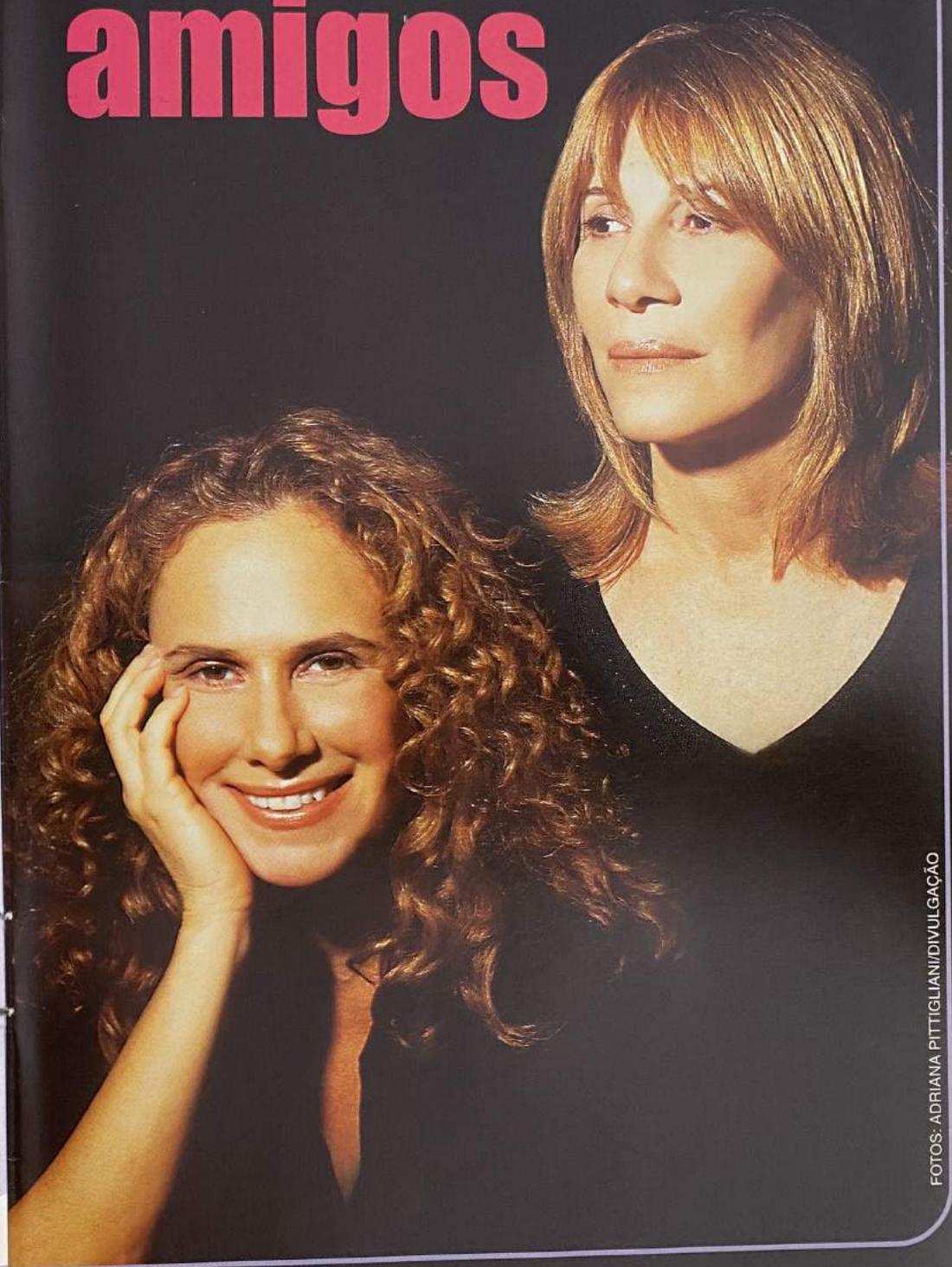
As atrizes adoraram o desafio de encenar algo diferente das personagens heróicas que normalmente procuram: "Foi bonito desco-

brir um autor que trabalha com a delicadeza para aprofundar um tema", lembra Xuxa. "Todo mundo já passou por uma situação assim, o desmantelamento de uma família, de um amor. E a peça trata da dificuldade de se lidar com isso."

A história de pode parecer banal: Karen (Renata Sorrah) e Gabe (Mário Schoemberger) formam um casal que tem como melhores amigos outro casal, Beth (Xuxa Lopes) e Tom (Otávio Müller). A separação de Beth e Tom desestabiliza o casamento de Karen e Gabe, levando o quarteto a reavaliar suas vidas. Mas as situações e diálogos vão se tornando complexos à medida que se sucedem, acabando por traçar quatro retratos do homem contemporâneo.

"A peça mostra a inviabilidade das emoções", diz Renata. "Tem horas que fico até com vergonha, porque já falei igualzinho à personagem. Reconheço todas aquelas relações, os sentimentos do homem e da mulher envolvidos nesta coisa que é o acasalamento. Como é difícil você se relacionar! E, ao mesmo tempo, são pessoas tão sensíveis!"

amigos





Gente como a gente

Renata, que vem de dois Tchekov, um Pinter, um Gorki e dois Fassbinder, admite que nunca tinha feito uma peça sobre gente tão normal, tão cotidiana: “são personagens comuns, urbanos, de classe média. Mas há uma complexidade neste cotidiano. Há sutilezas, fragilidades e angústias que os fazem extremamente humanos”.

Ela, que mal teve tempo de se recuperar do cansaço das gravações de uma novela, entusiasma-se: “na peça, estou falando da fragilidade do ser humano, nas suas relações. Está tudo num caldeirão. E no momento atual em que se encontra o mundo, a arte é a maneira de transformar a violência

que cada um tem dentro de si. Uma boa música, um belo quadro, a leitura – ler *Crime e Castigo* agora é maravilhoso. Tudo afirma o lado bom e não o dos demônios.”

Feliz com o patrocínio da BR – “merece ser citada” – e com o encontro com Felipe, “um verdadeiro amante do teatro”, Renata lembra que o diretor é muito atuante. Primeiro, trabalhou o texto frase por frase, em busca do entendimento: “Tem um processo muito meticuloso de trabalhar. E esta precisão é adorável. É capaz de ficar uma semana em cima de uma cena. O Jorge Lavelli, com quem fiz *A Gaiivota*, é desse jeito também. Percebo assim que estou andando para a frente. E é muito prazeroso.”

4ª SELEÇÃO DO PETROBRAS CINEMA: MÍDIAS DIGITAIS SE O SEU FILME NÃO SAI DO PAPEL, TENDE UM DISCO RÍGIDO.

Inscreva seu projeto de filme inédito, com até 5 minutos, na 4ª seleção do Petrobras Cinema, programa que incentiva o cinema brasileiro por meio do curta-metragem. Mais uma oportunidade de levar sua arte para as mídias digitais.



Entrega dos projetos até 14 de dezembro de 2001. Para obter o regulamento, consulte o site www.petrobras.com.br/cinema ou ligue para 0800-789001. Informações adicionais pelo e-mail: cinema@petrobras.com.br

Feliz Ano Velho



A história de Marcelo Rubens Paiva chega ao Teatro Nelson Rodrigues.

Por Maria Lucia Rangel

FOTOS: DIVULGAÇÃO

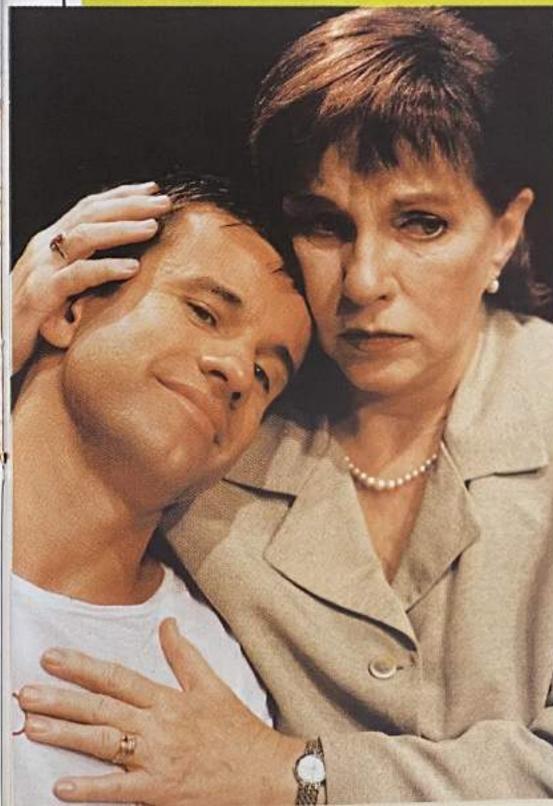
Durante uma leitura de *Feliz Ano Velho* na Casa da Gávea, há poucos meses, Paulo Betti se deu conta de como a peça de Alcides Nogueira, baseada no livro de Marcelo Rubens Paiva, continua atual como dramaturgia e como história, espécie de rito de passagem que mostra os jovens saindo de casa, nas festas estudantis ou em sua primeira transa. E veio a certeza de que era oportuno remontá-la. Em 1983, o espetáculo deu a Paulo Betti o Prêmio Molière de melhor diretor e Alcides Nogueira levou o de melhor autor. Em outubro do ano passado, a reestréia aconteceu no TUCA, em São Paulo. Agora, em temporada de dois meses, *Feliz Ano Velho* ocupa o palco do Teatro Nelson Rodrigues – Conjunto Cultural da Caixa.

Dezoito anos depois, o diretor Paulo Betti manteve a linguagem e a estrutura do cenário – dois trapézios e uma escada. Inovou na trilha sonora, agora ao vivo e do também ator na peça, André Frateschi, velho conhecido da montagem original. Ainda menino, ele acompanhava freqüentemente a mãe ao teatro, a atriz Denise del Vecchio, que fazia parte do primeiro elenco.

Drama e comédia

No mesmo espírito do livro, sem auto-complacência ou pieguismos, Betti e Alcides integram direção e texto: “o espetáculo mistura ginásio olímpico e circo com a paralisia do autor. Ou as cenas são paradas, com ele na cama ou sentado. Ou movimentadas, fazendo um contraponto entre duas situações.”

No papel do autor do livro está Cláudio Fontana. Um dos pontos altos do espetáculo acontece logo na primeira cena, quando o personagem do ator mergulha de uma escada no chão, provocando o acidente que o deixou sem andar: “Eu era professor da Unicamp quando o Marcelo – também aluno da universidade – sofreu o acidente em 79”, lembra Betti. “O livro que escreveu conta um trecho significativo da história do Brasil que precisa ser conhecido pelos estudantes. E não é pra baixo. Tanto que a gente chama o espetáculo de comédia dramática. O Marcelo não tem amargura. É um tremendo exemplo de resistência, e seu texto possui elementos clássicos do teatro, como quando a mãe, Eunice Paiva (Suzana Faini) procura o corpo do marido que até hoje ela não sabe onde está.”





O cavalinho

A peça de Maria Clara Machado vira ópera e comemora os 50 anos do Tablado.

Por Maria Lúcia Rangel

Um dos mais importantes textos de Maria Clara Machado, *O Cavalinho Azul*, era também o preferido da autora. Nada mais justo que fosse o escolhido para comemorar os 50 anos do Teatro Tablado. A direção de Cacá Mourthé ganha nova roupagem, agora em forma de ópera, com música e libreto de Tim Rescala, o diretor musical.

“Talvez fosse a forma de ser contada – muito poética – que encantava Maria Clara na peça”, explica Cacá, que convidou a artista plástica Anna Letycia para fazer o cenário, já que ela havia realizado o trabalho em três outras montagens. Anna recusou por achar que não era mais o momento, Cica Modesto tomou seu lugar: “O interessante é que a Ci-

ca chegou à mesma simplicidade da Anna.”

Com a idéia de montar *O Cavalinho Azul* em forma de ópera, Cacá foi em busca de Tim Rescala, com quem trabalha pela primeira vez: “Está sendo muito fácil trabalhar. Ele é o chefe”, ela brinca.

Operinha

O Cavalinho Azul, montado pela primeira vez em 1960, conta a história de um menino, Vicente, que tem um pangaré meio caído e, em sua imaginação, completamente azul. Acontece que o pai, pobre, é obrigado a vender o animal, e o menino sai em busca do amigo. O reencontro só acontece no final da peça. “A história, do jeito que é, pode encantar crianças bem pequenas, de até dois

anos”, diz Rescala. “Imaginei, por isso, uma música mais acessível. A *operinha*, como chamo, tem três músicos ao vivo – Humberto Araújo na flauta e sax, Luciano Vaz no violoncelo e Ana Beatriz Azevedo ao piano.”

Ao todo são 11 atores em cena, mais seis meninos alunos do Tablado, além do coro e dos músicos. Encabeçando o elenco, estão os ex-alunos Aluizio de Abreu, Luiz Carlos Tourinho e Sandro Graça. Zé Rescala, irmão de Tim, estréia no Tablado. Chiara Santoro já trabalhou com Cacá, e Leandro Léo, que faz o papel de Vicente, foi escolhido num teste: “O grande barato da ópera”, se emociona Cacá, “é que as pessoas cantam sem esforço, como se estivessem falando. Dá até nervoso.”

FOTOS: GUGA MELGAR/DIVULGAÇÃO

azul



O Cinquentenário do Tablado

O aniversário de 50 anos do Teatro Tablado ganha múltiplas comemorações. Além da estréia da ópera O Cavalinho Azul, uma exposição relembra o trabalho de Maria Clara Machado. Há ainda vários lançamentos, como o CD de Ubirajara Cabral, com composições para peças do Tablado. O livro de contos narrado pela própria Maria Clara, com ilustrações de Marie Louise Nery e o encarte do CD da ópera de Tim Rescala, da Cia. das Letrinhas. O livro de Martha Rosman, Os melhores anos de muitas vidas – 50 Anos de Tablado, da Editora Agir. No livro de Martha, estão os figurinos de Kalma Murtinho, os programas de tantas peças, os cenários, os cartazes. Auxiliada por Lucia Carvalho, ela pesquisou e desencavou informações preciosas, que saem publicadas ao lado de depoimentos de 300 tabladianos, dos mais desconhecidos aos mais famosos. O livro tem também depoimentos de amigos, como Fernanda Montenegro, Sérgio Britto e Dom Hélder Câmara, que promovia espetáculos com a turma do Tablado em praças públicas. Ainda marcam presença Aderbal Freire Filho, Otávio Muller, Pedro Paulo Rangel e Carlos Drummond de Andrade, que numa crônica enalteceu o trabalho de Maria Clara: "o Tablado é alguma coisa parecida com poesia em movimento. Ou, para dizer a palavra justa, válida em todos os Tribobós do planeta: parecido com amor. É amor."



Maria Clara Machado



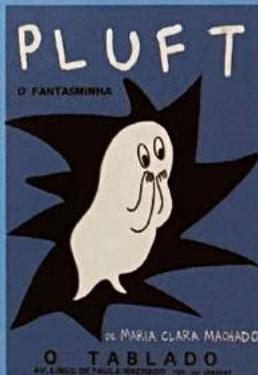
Cartaz de Anna Letycia, 1979



Segunda versão de O Cavalinho Azul, 1966



Figurino de O Cavalinho Azul, 1960, criado por Kalma Murtinho



Cartaz de J. Barrão, 1985



Cartaz de Rogério Cavalcanti, 1987

IMAGENS: REPRODUÇÃO

Eva Wilma
em

Um Dia
das Mães

de Flávio Marinho

com Giuseppe Oristanio
Marcelo Escorel
Sergio Loroza

Teatro Vanucci

Rua Marquês de São Vicente, 52

Shopping da Gávea, 3º piso

Tel 2274 7246 • 2239 8595 • 2239 8545

de 5ª a sábado às 21h30
domingo às 19h

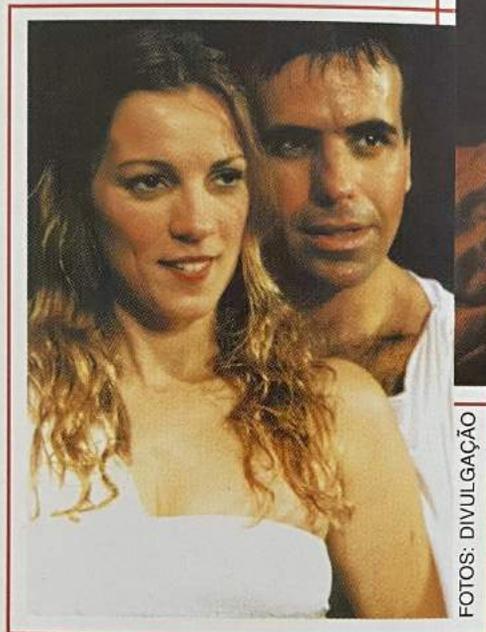


Sonho de uma noite de verão

Personagens de Shakespeare em clima de carnaval carioca.

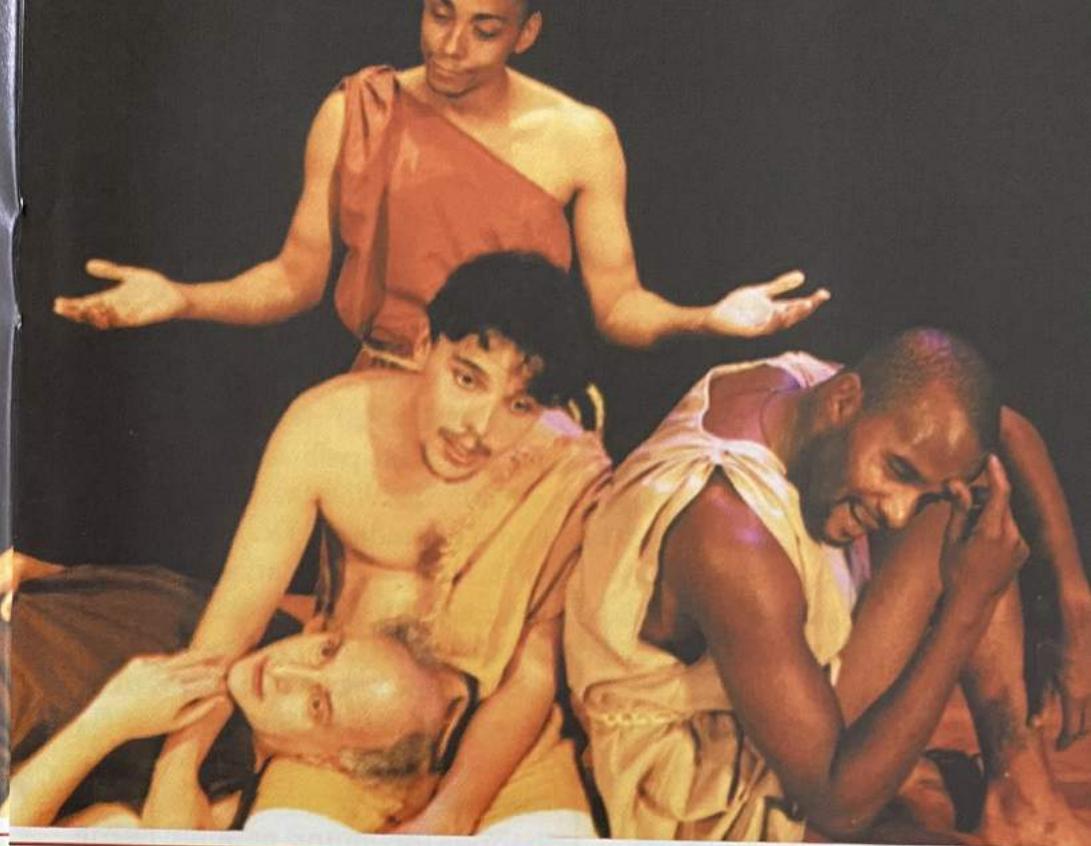
Por Maria Lucia Rangel

O elenco de 23 atores de *Sonho de uma Noite de Verão* foi dividido em três alas, como numa escola de samba: a dos Nobres, a dos Espíritos e a dos Artesãos. Cada uma com um diretor. Respectivamente, Carmen Leonora, Hiran Costa Júnior e José Roberto Mendes. Mas foi de Paulo Reis, coordenador de direção dos três núcleos do espetáculo, a idéia de associar a mais popular peça de Shakespeare ao carnaval carioca. Fascinado com a mistura mítica e folclórica dos personagens, decidiu incorporar o troca-troca entre os pares dos quatro amantes ao clima do samba, suor e cerveja. “Afim, o que é o Carnaval senão quatro noites de sonho de verão?”, brinca o diretor. O espetáculo começa com um desfile de escola de samba, reabrindo o Teatro Zimbiniski, na Tijuca, totalmente reformado.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

O Zimba, como é conhecido, ficou fechado quase 10 meses para passar por uma grande reforma, que começou com a mudança da entrada principal para a Av. Heitor Beltrão, antigo desejo da classe teatral e do dono do imóvel, Walmor Chagas. Todo o equipamento interno foi trocado: parte elétrica, sanitários, urdimento, telhado e piso. E a nova iluminação externa ressalta a fachada. Um dos mais empolgados com o projeto é o ator Anselmo Vasconcelos, que além



de interpretar Zé Fundilho na peça, é nascido e criado na Tijuca: “Tem uma hora de improvisação em que declamo o hino da Tijuca. Escrito por quem? Machado de Assis.”

A máscara do teatro

Anselmo vê seu personagem como uma homenagem de Shakespeare ao ator popular: “Ele é um alfaiate. Aliás, Shakespeare era um comerciante também. Naquela época não existia a profissão de ator. Se você lembrar que no Brasil a profissão só foi regulamentada em 1979, imagina então nos séculos 15 e 16! A trupe das peças de Shakespeares era formada pelo pedreiro, o alfaiate, o comerciante. Ser ator era uma habilidade esportiva, não profissional. E ele faz uma homena-

gem a estas pessoas. Meu alfaiate pode representar com garbo um personagem grego.”

Não foi à toa que Paulo Reis chamou Anselmo. O ator sempre procurou compor. Já foi travesti e até múmia. É a máscara teatral, ele lembra. “O Zé Fundilho representa o ator que procura se comunicar da forma mais imediata com o público. Tanto que em uma de suas falas, ele diz: “precisamos ensaiar na floresta, porque aqui vão descobrir os nossos truques. No teatro, a surpresa é a alma do negócio”. E, coincidência maior: o pai de Anselmo era alfaiate.

O elenco conta também com Nina de Pádua, Miguel Oniga, Mano Melo, Vinicius Manne e o próprio diretor, Paulo Reis, além de sete fadinhas, meninas bailarinas de 7 a 12 anos.

As Pulgas

Comédia de Cunha de Leiradella contando a história da família Silva, que recebe o futuro noivo da filha. Direção de Marília Martins. Com Maurício Cardoso e Larissa Elias. **Sala Paschoal Carlos Magno**, na Uni-Rio (Av. Pasteur, 436, fundos). Fone: 2295-2548, ramal 50. De quinta a domingo, 21h. Entrada franca.

Acredite, um Espírito Baixou em Mim

Comédia de Ronaldo Ciamboni, direção de Sandra Pêra. Elenco: Úlvio Amaral, Paulo César Ladeira e a atriz convidada Stella Freitas. Sala vermelha do **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 3325-1645. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$15 (qui.), R\$20 (sex. e dom.) e R\$25 (sáb.).

Apocalipse 1,11

O grupo Teatro Vertigem faz sua terceira montagem, encerrando a trilogia bíblica que começou com *Paraíso Perdido* e *O Livro de Jó*. Criação do grupo, texto de Fernando Bonassi. **Teatro no antigo prédio do Dops** (Rua da Relação, 40, Centro). Fone: 2225-7148. Quinta, sexta e

sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$20 (qui. e dom.) e R\$25 (sex. e sáb.).

Aracy de Almeida – No país de Araca

Musical criado pelo também diretor Eduardo Wotzik, baseado na cantora e jurada de TV. Com Leandro Hassum, João Carlos Barroso, Roberto Bataglin, Maria Gladys. **Teatro 1 do CCB** (Av. Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 18h. R\$10.

Carícias

Histórias do autor catalão Sergi Belbel, sobre relações de casais, mães e filhas, irmãos, jovens e velhos. Direção e tradução de Christiane Jatahy. Elenco: Guta Stresser, Giselle Fróes, Gabriel Braga Nunes, Guilherme Piva, Ricardo Blat, Oscar Saraiva e Suzana Saldanha. **Teatro Jockey** (Rua Jardim Botânico, 1003). Fone: 2540-9853. Quinta, sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$15.

Casa de Boneca

Texto de Ibsen que discute a situação social da mulher na segunda metade do século XIX. Direção de Aderbal Freire-Filho. Elenco: Ana

Paula Arósio, Floriano Peixoto. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$20 (qui.), R\$25 (sex. e dom.) e R\$30 (sáb.).

Clara Nunes – Brasil Mestiço

Está de volta o musical que retrata a trajetória artística de Clara Nunes. Direção de Gustavo Gasparani. Elenco: Ana Velloso, Ana Carbatti, Flávio Bauraqui. **Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. Quartas e quintas, 21h. R\$25.

Cócegas

Oito histórias bem-humoradas sobre o universo feminino, escrita por duas jovens autoras, Ingrid Guimarães e Heloisa Perissé, também as atrizes do espetáculo. Direção de Aloísio de Abreu, Sura Berditchevsky, Luiz Carlos Tourinho e Marcelo Saback. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$20 (qui.), R\$25 (sex. e dom.) e R\$30 (sáb.).

Cole Porter – Ele nunca disse que me amava

A história do compositor americano Cole Porter escrita e dirigida por Charles Möeller, com direção musical de Claudio Botelho. Com Ada Chaseliov, Alessandra Verney, Gottsha, Inez Viana, Kiara Sasso e Stella Maria Rodrigues. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, sexta e sábado, 21h. R\$25.

Conduzindo Miss Daisy

A comédia de Alfred Uhry conquistou o Prêmio Pulitzer e sua adaptação para o cinema ganhou três Globos de Ouro e o Oscar de 1990. Direção de Bibi Ferreira. Com Nathalia Timberg, Milton Gonçalves e Reinaldo Gonzaga. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2220-8394. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R\$20 (qui., sex. e dom.). R\$25 (sáb.).

Da Arte de Subir em Telhados

Texto de Paulo de Moraes e Gelson Amaral sobre a delicadeza que se perdeu no relacionamento entre as pessoas. Direção: Paulo de Moraes.

No elenco, Patrícia Selonk, Simone Mazzer, Ricardo Grings. **Teatro Casa Grande** (Av. Afrânio de Melo Franco, 290, Leblon). Fone: 2239-4046. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$20 (qui.) e R\$25 (sex. a dom.).

Deus Late?

O único texto teatral do francês François Boyer põe em xeque a incomunicabilidade e a incapacidade de o homem se render ao amor. Direção de André Paes Leme. Elenco: Isaac Bernat e Solange Badim. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$15.

Divina Delícia

Comédia de Regiana Antonini onde dois atores vivem oito personagens cada um em situações engraçadas do dia a dia. Direção de Paulo Afonso de Lima. Elenco: Carla Daniel e Rogério Fabiano. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 62, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$10 (qui.), R\$15 (sex. e dom.) e R\$20 (sáb.).

Engraçadinha dos doze aos dezoito

O romance de Nelson Rodrigues ganha adaptação teatral em duas partes. A primeira é dirigida por André Paes Leme, com Carolina Kasting, Georgiana Góes. **Teatro II do CCBB** (Av. Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta, sexta e domingo, 18h. R\$10.

Engraçadinha depois dos trinta

Segunda parte do romance de Nelson Rodrigues, dirigida por Luiz Arthur Nunes, com Claudia Lira, Henry Pagnoncelli. **Teatro II do CCBB** (Av. Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Na primeira semana, de quinta a domingo, 19h30. Quinta e sábado, 18h. Domingo, 19h30. R\$10.

Feliz Ano Velho

Peça de Alcides Nogueira inspirada no livro de Marcelo Rubens Paiva, com direção de Paulo Betti. A montagem original de 1983 recebeu 17 prêmios. Elenco: Cláudio Fontana, Suzana Faini, Genézio de Barros, Maria Ribeiro. **Conjunto Cultural da Caixa - Teatro Nelson Rodrigues** (Av. Chile, 230, Centro). Fone: 2262-0942. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h. R\$15.

Flap!

O novo espetáculo da Intrépida Trupe comemora os 15 anos do grupo enfocando o eterno desejo de romper os limites e voar. Direção de Paulo de Moraes. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes s/n, Centro). Fone: 2221-1223. Quinta, sexta e domingo, 20h. Sábado, 21h. R\$10.

Jantar entre Amigos

Peça do americano Donald Margulies, prêmio Pulitzer do ano passado, sobre a amizade de dois casais. Direção de Felipe Hirsch. Elenco: Renata Sorrah, Xuxa Lopes, Mário Schoemberger e Otávio Müller. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$20 (qui. e sex.), R\$25 (dom.) e R\$30 (sáb.).

O Homem que Viu o Disco Voador

Texto de Flávio Márcio sobre um homem que decide mudar de vida depois de ver um disco voador. Direção de Aderbal Freire-Filho. No elenco, Paulo Betti, Vera Fajardo. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Gávea). Fone: 2239-

3511. Quinta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$20 (qui., sex. e dom.). R\$25 (sáb.). Até 18/10.

Os Olhos Verdes do Ciúme

Comédia que relembra a história do Brasil. Texto e direção de Caio de Andrade. Elenco: Ângela Rebello, Guilherme Leme. **Teatro da Justiça** no Centro Cultural da Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241, Cinelândia). Fone: 2510-8848. De quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R\$10.

Pinóquio

Adaptação livre da história do boneco de madeira que se transforma num menino de verdade, feita por Amandio Gomes e Moacyr Góes. Direção de Moacyr Góes. No elenco, Leon Góes, André Valli, Natália Lage. **Espaço 3 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6696. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$15.

Quem Manda em Mim?

Espectáculo do grupo A Panela. Com Dani Amorim, Joana Motta, Pedro Brício. **Espaço 2 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel,

440, Copacabana). Fone: 2275-6696. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$10.

Solaris

Evento multimídia de Jocy de Oliveira integrando música, tecnologia, astronomia e videoarte, com a participação do Opera Ensemble Jocy de Oliveira. **Cúpula do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2239-5948. Somente três apresentações nos dias 9, 10 e 11 de novembro, 21h. R\$10.

Sonho de uma Noite de Verão

Visão brasileira moderna da obra de William Shakespeare. Tradução, concepção e direção de Paulo Reis. Elenco: Paulo Reis, Elisa Lucinda, Anselmo Vasconcellos. **Teatro Ziem-binski** (Rua Urbano Duarte, 30, Tijuca). Fone: 2254-5399. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$10.

South American Way

Musical de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa sobre a trajetória de Carmem Miranda. Direção de Miguel Falabella. Stela Miranda e Soraya Ravenle interpretam duas Carmens num elenco de 18 atores e

bailarinos. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 2239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. Dependendo do setor onde estiver localizada a poltrona, o preço varia de R\$30 a R\$40.

Três Homens Baixos

Comédia de Rodrigo Murat mostrando as diversas facetas do universo masculino. Direção de Fernando Guerreiro. Elenco: Gracindo Jr., Hereson Capri e Jonas Bloch. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$20 (qui.), R\$25 (sex. e dom.) e R\$30 (sáb.).

Um Dia das Mães

Comédia urbana de costumes de Flávio Marinho, também o diretor e produtor, contando o encontro de uma mãe, os dois filhos e mais um convidado trapalhão. Com Eva Wilma, Giuseppe Oristânio, Marcelo Escorel e Sérgio Loroza. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R\$20 (sex.), R\$25 (qui. e dom.) e R\$30 (sáb.).



O mundo da cultura se encontra na Bolsa do Rio.



O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro



Solaris



FOTO: SILVIO POZATTO/DIVULGAÇÃO

Evento multimídia no Planetário, em homenagem ao cientista Stephen Hawking.

Por Maria Lucia Rangel

Solaris, com apresentações apenas nos dias 9, 10 e 11 de novembro, na nova cúpula Carl Zeiss do Planetário, tem concepção, música, vídeo e direção de Jocy de Oliveira. Além das avançadas condições técnicas do lugar, o evento multimídia contará com o novo projetor planetário, 65 projetores de slides, três projetores de vídeo e um para cinema de 75mm. O espetáculo envolve também música eletroacústica, vozes e instrumentos ao vivo e encenação. É uma homenagem ao cien-

tista contemporâneo Stephen Hawking.

“O Planetário nos oferece uma sensação de movimento, vibrações do universo, como se as frequências viajassem pelo espaço, sugerindo uma maior integração do ser humano ao cosmo”, explica Jocy. “Um Planetário é como um templo. O templo do infinito.”

Linguagem universal

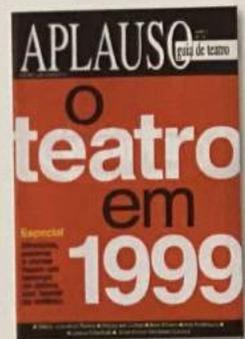
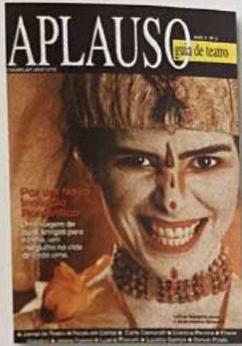
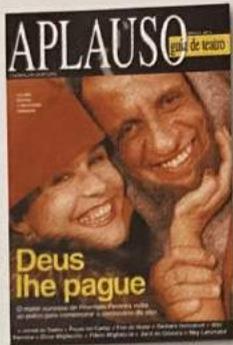
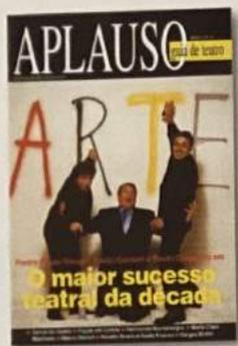
O texto de Jocy, *Horizonte de Eventos*, é inspirado nas teorias e pensamentos do cientista Stephen Hawking. Pioneira de espetá-

culos multimídia no Brasil, ela vem utilizando processos experimentais e multimeios desde a década de 60, numa convicção de que a expressão sonora é universal em todas as formas. Em 1982, Jocy concebeu o primeiro trabalho planetário, *Música no Espaço*, em comemoração aos 25 anos do Planetário de São Paulo. Essa ópera planetária foi apresentada não só na capital paulista e no Rio de Janeiro, mas também nos planetários de Nova Iorque, Miami, Houston, Bogotá, Stuttgart e Berlim. Sempre com público e crítica entusiasmados.

Em *Solaris*, a música e o roteiro levam a uma integração do ser humano com o universo através de impulsos sonoros e visuais. “Vivemos numa cultura visual”, explica Jocy, “entretanto nossos concertos não demonstram nenhuma preocupação com o ato teatral de uma performance. Neste mundo contemporâneo, a arquitetura do teatro está ainda por ser redefinida. Isto tudo mostra a necessidade de criarmos novos formatos para desenvolver a percepção humana e sensibilidade artística.”

Em dezembro, Jocy de Oliveira volta à Alemanha com sua ópera *As Malibrans*, que estreou lá no ano passado. O sucesso lhe valeu novos convites e ela apresenta o espetáculo no Hebbel Theater, em Munique.

Colecione, assine!



Enviamos para todo o Brasil

Assinatura
semestral
R\$ 18

Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

COMPRE JÁ!

Coleção completa de Aplauso por R\$ 48! Edições de 1 a 27

não perca

O espectador gostou, assistiu e indica

Os Olhos Verdes do Ciúme

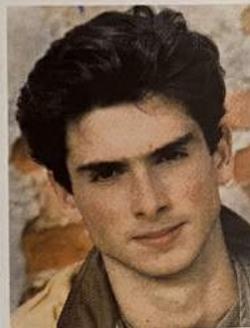
“É uma peça histórica, apesar de ser comédia. Você fica conhecendo a história do Brasil



se divertindo. O elenco é ótimo. E os figurinos, lindos.”
Carolina Abranches, atriz

O Homem que Viu o Disco-Voador

“O texto é interessante, porque crítico, e a montagem está muito bem feita, com ótima direção do Aberbal Freire



Filho e interpretação de Paulo Betti.”
Luiz Fernando Petzhold, ator e cineasta

Cole Porter – Ele nunca disse que me amava

Além de o tema ser Cole Porter, há um grupo de atrizes que canta maravilhosamente bem. As músicas, uma espécie de hino, são apresentadas em inglês, mas as versões são muito boas.”

José Wilker, ator



Cócegas

“Adorei. Mulheres fazendo humor me dão tanto prazer quanto



mulheres fazendo sexo.”
Miguel Paiva, cartunista

Teatro aberta



Teresa Rachel e Mário Jorge em Chá e Simpatia. Maison de France. RJ, 1967

**PROJETO
MULTISHOW
DE INCENTIVO
AO TEATRO**



O canal entre o teatro e o público brasileiro.

O **Multishow**, como o canal pioneiro no incentivo ao teatro brasileiro, está selecionando peças para o **Projeto Multishow de Incentivo ao Teatro**. O Projeto conta com a cobertura de leituras, ensaios e estréias; produção de *making ofs*; exposição na mídia nas principais capitais; apoio do lançamento no **Multishow em Revista** e divulgação no **Multishow News**.

Envie o seu projeto:

Rua Itapiru, 1209/sala 421 Rio Comprido

20251-032 Rio de Janeiro RJ

ou marketingmultishow@globosat.com.br

www.multishow.com.br

Para assistir ao Multishow, assine

NET 0800-992211 ou SKY 0800-172728



CANAL GLOBOSAT



A gente entrega a encomenda do seu chefe até as 10 horas e quem fica com a fama de eficiente é você.

SEDEX

MANDOU, CHEGOU.



Sedex 10. Sua encomenda no destino até as 10 horas da manhã do dia seguinte. O Sedex 10 é o novo serviço dos Correios sob medida para quem tem encomendas que precisam chegar cedo ao destino. É muito simples: você manda a sua encomenda e o Sedex 10 garante a entrega até as 10 horas ou a devolução em dobro do dinheiro pago na postagem. Agora você já sabe: se tem que chegar cedo, só de Sedex 10.

Cidades onde o Sedex 10 está operando: São Paulo • Rio de Janeiro • Belo Horizonte • Curitiba • Porto Alegre • Brasília • Goiânia • Salvador • Recife • Fortaleza. (Recife e Fortaleza apenas para postagem).